

INAUGURAÇÃO DO MUSEU E CENTRO DE ARTES DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MUSEU
CENTRO
DE
ARTES
FIGUEIRÓ DOS VINHOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS: OS NOSSOS ARTISTAS

SIMÕES DE ALMEIDA Tio
MANUEL HENRIQUE PINTO
JOSÉ MALHOA
SIMÕES DE ALMEIDA Sobrinho

FIGUEIRÓ DOS VINHOS: OS NOSSOS ARTISTAS

É com orgulho que hoje inauguramos o Museu e Centro de Artes de Figueiró dos Vinhos.

Situado num ponto nevralgico da vila e junto ao Clube Figueirense-Casa da Cultura e ao Casulo de Malhoa, o Museu e Centro de Artes vem complementar estes dois equipamentos culturais constituindo um pólo cultural de relevo que se pretende de referência na região e no âmbito de um consistente projecto de Turismo Cultural.

Com este edifício Figueiró dos Vinhos poderá enfrentar sem receio o futuro numa vertente turística cada vez mais exigente mas também cada vez mais numerosa.

A todos que com enorme dedicação se disponibilizaram a ajudar à abertura deste Museu e Centro de Artes o nosso muito obrigado.

Rui Manuel de Almeida e Silva
Presidente da Câmara Municipal

Foi longo e difícil o caminho para chegar ao dia de abertura do Museu e Centro de Artes de Figueiró dos Vinhos que se pretende seja um novo marco no roteiro cultural da região e importante não só do ponto de vista do concelho, mas para o circuito regional de arte.

Temos a honra de inaugurar o Museu e Centro de Artes com obras dos figueirense por nascimento escultores Simões de Almeida Tio e Simões de Almeida Sobrinho, e dos figueirense por adoção José Malhoa e Manuel Henrique Pinto.

Mas a função deste espaço não se extingue nestes artistas. O Museu e Centro de Artes permitirá muito mais. Permitirá conhecer outros autores e outras obras em diálogo de tempos e espaços diferentes.

A inauguração do Museu e Centro de Artes é um marco – mas é apenas o começo. Queremos um Museu participativo e de todos. Este é o nosso e o vosso Museu.

O Vereador do Pelouro da Cultura
José Manuel Fidalgo d'Abreu Avelar

SIMÕES DE ALMEIDA Tio 1844-1926



José Simões de Almeida Júnior nasce em 1844, em Figueiró dos Vinhos. Aos 12 anos entra na Academia de Belas-Artes de Lisboa e conclui o curso em 1865. Primeiro escultor pensionista do Estado em Paris (1865-70), estuda com Jouffroy e prossegue a formação em Roma, sendo aluno de Monteverdi (1871-72).

É professor da Academia de Belas-Artes a partir de 1872 e seu diretor até 1912; diretor do Museu Nacional de Belas-Artes e Arqueologia, 1905.

Se as suas obras iniciais denunciam forte classicismo, como as esculturas *Puberdade*, 1878; *Anjo da Vitória*, 1886, no monumento aos Restauradores (Lisboa); ou a postura de *O Malmequer*, 1872 –, outras mostram tendência mais realista ou naturalista. Destacam-se *Órfão*, executada em Roma, e a estátua do *Duque da Terceira*, 1875, ou *D. Sebastião*, 1877, e a estátua de *José Estevão*, 1886.

Em bustos e retratos – *Duque d'Ávila* ou *Luz Soriano* –, desenvolve plasticidade e valores lumínicos mais ricos. Realiza ainda escultura de cunho religioso, como *Cristo Crucificado* da capela tumular de Alexandre Herculano, no Mosteiro dos Jerónimos, cuja réplica se encontra na Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos.

Participa na Exposição Internacional de Madrid (1871) e na Exposição Universal de Paris (1878).

Morre em Lisboa a 13 de dezembro de 1926.

JOSÉ MALHOA 1855-1933



José Vital Branco Malhoa nasce nas Caldas da Rainha a 28 de abril de 1855. De 1867 a 75, frequenta a Academia de Belas-Artes de Lisboa.

Integra o Grupo do Leão, 1880-89, cuja modernidade radica na prática naturalista do paisagismo de ar livre, cultivando os valores da natureza, da luz e da atmosfera e rompendo com a tradição cenográfica dos românticos. Malhoa abre-se a esta estética e revela o predomínio do paisagista, progressivamente empenhado na figura e a sua ação na paisagem.

Nos anos 80, instala em Figueiró dos Vinhos a sua segunda residência – “O Casulo” – onde, fascinado pela luminosidade local, realiza boa parte das cenas rurais que o celebrizaram, obras emblemáticas como *A Volta da Romaria*, 1901 (col. particular); *Os Bêbados*, 1907 (Museu do Chiado); *As Promessas*, 1933 (Museu José Malhoa) e *Baptismo de Cristo*, 1904 (Igreja Matriz de Figueiró dos Vinhos).

É um mestre da pintura de costumes, firmado nas qualidades lumínicas da atmosfera e do sol como protagonista da vibração da cor. Foi fiel a este conceito, ao estudo, às viagens, ao trabalho por vezes intenso, criando uma obra vasta e notável.

É o primeiro Presidente da Sociedade Nacional de Belas-Artes, fundada em 1901.

Morre em Figueiró dos Vinhos a 26 de outubro de 1933, legando aos artistas uma Bolsa de Viagem para visita aos museus europeus.

MANUEL HENRIQUE PINTO 1853-1912



Manuel Henrique Pinto (1853-1912), natural de Cacilhas, cursou a Academia Real das Belas Artes, onde foi discípulo de Tomaz da Anunciação, Nunes Prieto e Simões d'Almeida.

Expõe pela primeira vez em 1874, no 10º salão da Sociedade Promotora das Belas Artes, e participa nos concursos para Pensionista do Estado no Estrangeiro de 1874 e 1875, com os resultados conhecidos: a anulação dos mesmos. Dedicar-se então «ao restauro de pinturas antigas».

Membro fundador do Grupo do Leão, é um dos retratados no célebre quadro de Columbano (1885), e estará presente nas oito mostras do Grupo entre 1881 e 1888/89.

Em 1883 descobre Figueiró, onde realiza grande parte da sua obra.

Professor do Ensino Industrial, foi director das Escolas de Portalegre (1884-1888) e Tomar (1888-1911). Nesta cidade dedica-se também ao estudo e salvaguarda do Património, como Vogal do Conselho dos Monumentos Nacionais.

Medalhado pela Sociedade Promotora, Grémio Artístico e Sociedade Nacional de Belas Artes. É premiado com menção honrosa e medalha de prata na Exposição Universal de Paris, 1900, e medalha de ouro no Rio de Janeiro, 1908.

Em Figueiró, terra de adopção, acabará por morrer, a 26 de Setembro de 1912.

SIMÕES DE ALMEIDA Sobrinho 1880-1950



José Simões de Almeida nasce em Figueiró dos Vinhos a 17 de junho de 1880. Com 13 anos entra na Academia de Belas-Artes de Lisboa, sendo discípulo do tio José Simões de Almeida Júnior. Concluidos o curso (1903), parte para Paris (1904-07), recebendo lições de Verlet e Jean-Paul Laurens.

Em 1905, envia para Portugal o baixo-relevo *As Ninfas do Mondego Chorando a Morte de Inês de Castro*. Exposto na Sociedade Nacional de Belas-Artes, obtém a 1ª Medalha (1906).

Em 1915, substitui seu tio na cadeira de Escultura da Escola de Belas-Artes.

Escultor de obras comemorativas, com relevo para o *Monumento à Guerra Peninsular* (1909, 3º prémio) e a *estátua equestre de Mouzinho de Albuquerque*, em Lourenço Marques; com Leopoldo de Almeida, conclui os baixos-relevos do *Monumento ao Marquês de Pombal* (1934), projeto de Francisco dos Santos, falecido em 30. Destaca-se como medalhista, criando o molde para a moeda de escudo (1911).

É autor do busto oficial da *República* e dos baixos-relevos do frontão do Palácio de S. Bento e da implantação da República, na Câmara Municipal de Lisboa. Executa numerosos retratos de personalidades da vida portuguesa.

Participa na Exposição Internacional de Bruxelas (Medalha de prata) e na Exposição de S. Luís, EUA (3ª Medalha).

Morre em Lisboa em 1950.

Em finais do século XIX, uma convergência de artes e de artistas acontece em Figueiró. Dois escultores naturais da terra, mestres de Belas-Artes, dois pintores que chegam, se fascinam com a atmosfera, as cores, o viver das gentes, se identificam e ficam, que vão e vêm, mas permanecem até ao fim, fiéis às vivências de Figueiró dos Vinhos. Como uma teia fina e resistente que sustenta o encontro feliz, uma rede de amizade em nome da arte.

Simões de Almeida, tio e sobrinho, artistas que modelam, esculpem o preto aos vultos da história, as personalidades dos seus tempos, mas também as gentes e os gestos do quotidiano, as referências alegóricas aos sentimentos.

José Malhoa e Henrique Pinto, os pintores que olham a paisagem e a sentem, estudam o quotidiano e o interpretam, deixam a marca indelével, a memória duma época expressa em quadros de grande autenticidade e esmerada técnica.

Figueiró assiste, participa desta confluência, num período em que caminhos de modernidade se abrem aos artistas – o Naturalismo aqui tão propício e vivo –, uma estética que inova em Portugal e mexe com o meio artístico; outros movimentos depois despontarão e se vão afirmar na sua diferença, mas algo de mudança então se anunciava.

O “Museu e Centro de Artes” de Figueiró dos Vinhos, no envolvimento do “Casulo” de Malhoa, escolhe inaugurar o seu espaço com a exposição “Figueiró dos Vinhos: Os Nossos Artistas”, homenagem e reconhecimento da vila perante os valores que celebra e assume como identitários.

Nesta hora relevante para a cultura figueirense, tem o Museu José Malhoa o grato ensejo de se associar ao importante evento, participando com a apresentação de um conjunto de obras dos autores que se celebram.

É um momento significativo de articulação de designios culturais e de aproximação das instituições e das localidades com interesses comuns, fundamentado na convicção dos valores universais da arte como contributo para o avanço da sociedade.

Matilde Tomaz do Couto
Diretora do Museu José Malhoa

FIGUEIRÓ DOS VINHOS: OS NOSSOS ARTISTAS
Exposição Inaugural do Museu e Centro de Artes de Figueiró dos Vinhos

24 de junho de 2013 - 17 de novembro de 2013

EXPOSIÇÃO

Comissária Matilde Tomaz do Couto

Coordenação Município de Figueiró dos Vinhos, Pelouro da Cultura

Direção Fernando Pires

Montagem Filipe Barreiros, Luís Sá, Miguel Serra

Design Gráfico Teresa Trancoso

Seguros Lusitânia.

CATÁLOGO

Edição Município de Figueiró dos Vinhos

Textos Matilde Tomaz do Couto e Luís Borges da Gama

Design Gráfico Teresa Trancoso

Fotografia Bruno Batista, Teresa Trancoso

Impressão Figueirótipo

junho de 2013



Mecenato



Jorge da Conceição Lopes

